

humanitas



Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

UMA CARTA DE ANDRÉ DE RESENDE RECONSTITUÍDA

1. Por alturas dos Idos de Março de 1570 Resende recebia, em Évora, uma carta de Ambrósio de Morales (1). Este espanhol, então reitor da Universidade de Alcalá e cronista oficial de Filipe II, tinha em mãos a continuação de *La Coronica General de España*, começada por Florião do Campo, e tencionava, em opúsculo à parte, escrever sobre as antiguidades da Hispânia. Mas havia, neste último domínio, aspectos obscuros que não conseguia resolver, por isso entendeu por bem consultar André de Resende, para muitos uma espécie de oráculo.

Nessa carta, e antes de passar às questões que motivaram a consulta, Morales começava por exprimir a sua imensa admiração por Resende, devida à nobreza do seu carácter, ao seu extraordinário e profundo conhecimento da antiguidade da Hispânia, e sobretudo à gentileza e espírito de abertura com que punha em comum, e ao serviço dos outros, os resultados das suas investigações e estudos. E Morales acrescentava que, neste capítulo, Resende se distinguia de muitos espanhóis que, com frequência, tudo faziam para esconder o produto das suas elucubrações, como quem receia perder a erudição, se partilhada...

Este elogio tão rasgado tem um certo sabor a *topos*, sente-se nele glosado o tema do elogio do destinatário, sempre de bom tom no exórdio de uma epístola. Mas Resende há-de ter gostado de receber este

(1) Esta carta publicou-a Resende, juntamente com a sua resposta, no mesmo ano (1570), em Évora. O volume, que inclui ainda um poema a D. Sebastião, tem o título de: *L. Andr. Resendii Lusitani, ad epistolam D. Ambrosii Moralis uiri doctissimi, inclytæ Academiae Complutensis Rhetoris, ac Regii historiographi Responsio. Permissu et auctoritate Dominorum inquisitorum, Andreas Burgius Typographus Serenissimi principis Cardinalis, impressit Eborae Mense Maio M.D.LXX.*

As duas cartas foram posteriormente publicadas no tomo II da *Hispania Illustrata* (Francoforte, 1603), pp. 1021-1023 e 1023-1031, respectivamente. As citações serão feitas com base nesta edição.

caloroso sinal de apreço, sobretudo porque — e apesar do *topos* — ele vinha ao encontro de uma preocupação constante no nosso humanista: a de ver publicamente reconhecido o fruto do seu trabalho, isto é, a de ver cumprida a máxima «A César o que é de César». Por isso, na resposta, Resende não deixa passar em claro o elogio de Morales e, tomando-o à conta da extrema bondade e amizade do amigo, não perde o ensejo de acrescentar:

«É tal como dizes, esta minha acentuada disponibilidade e facilidade em partilhar as minhas reflexões e descobertas, sejam elas resultado do meu talento ou do cuidado com que trabalho. Atitude esta que por vezes me é prejudicial, pois plagiários há que se infiltram na minha obra, como por várias vezes aconteceu com Barreiros, outrora meu amigo: dei-lhe a conhecer para cima de vinte matérias, e ele introduziu-as na sua *Chorographia* sem qualquer palavra de agradecimento a quem lhas tinha revelado. No entanto, ele tratou algumas dessas matérias — e não foram poucas — com tal habilidade, que tenho toda a legitimidade para lhe aplicar o dito de Marcial:

‘O livro que estás a recitar, ó Fidentino, é meu;
mas quando o recitas mal, passa a ser teu.’ » (2)

Não era a primeira vez que Resende se referia, nestes termos, a Gaspar Barreiros. Fizera-o três anos antes, na *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, a propósito de um livro que, na sua *Corografia*, Barreiros prometera escrever sobre a *Verdadeira Nobreza ou Linhagens das famílias de Portugal*. Segundo Resende, esse livro já estava escrito e era seu autor D. Pedro, Conde de Barcelos. Por isso, acrescentava Resende, se Barreiros queria compor esse livro, poderia transformá-lo, em termos de estilo, numa obra mais sedutora, o que não poderia era fazer um novo, «sob pena de se envolver em plágio em relação ao seu autor, semelhante ao que, em vários passos da *Corografia*, cometeu em relação

(2) Carta a Ambrósio de Morales, in *Hispania Illustrata*, II, p. 1023:

Est sane quod ais, mea satis procliuis in communicandis quae uel ingenio, uel sedulo nauata opera, deprehendi inuenique facilis. Quae mihi nonnumquam obest, insidiantibus meo labore plagiariis quibusdam, qualis fuit in plerisque amicus olim meus Barrerius, qui locos supra uiginti candide impertitos, suae immiscuit Chorographiae, non habita commostratori gratia. Quorum tamen non paucos ea dexteritate tractauit, ut mihi illud Martialis in eum iure liceat detorquere:

«*Quem recitas, meus est o Fidentine libellus,
sed male cum recitas, incipit esse tuus.*»

a mim» (3) A terminar o seu ataque, Resende cita um conhecido verso de Marcial («Quem queira ceder o passo ao talento? Uma raridade.») e insiste na ideia de que Barreiros deturpa os dados que colhe nos outros.

É nítida a má vontade de Resende para com o seu ex-amigo, já que, se este chegou a compor um livro sobre a nobreza de Portugal, teve forçosamente de se socorrer de obras anteriores sobre a matéria, nomeadamente do *Nobiliário* do Conde de Barcelos, refundindo-as e prolongando-as até ao seu tempo (4).

Quanto à utilização que Barreiros fez das informações de Resende, não é fácil contabilizá-la. Diga-se, no entanto, que o cita várias vezes.

Gaspar Barreiros não é o único alvo das queixas de Resende. O seu ressentimento de autor espoliado dirige-se também, e por mais de uma vez, contra D. Diego de Covarrubias, bispo e famoso juriconsulto espanhol. Este homem de letras tivera conhecimento da opinião de Resende sobre o termo «Era»; aprovou-a, adoptou-a e chegou mesmo a confessar publicamente que a ela devia o ter alterado a sua antiga opinião sobre o assunto. Mas, conclui Resende: «Eis vem a lume a terceira edição da sua obra: são já outras as palavras, a sugerir que não fui eu o primeiro a resolver a dita questão mas que aderi, aprovando-a, à solução que ele apresentara em primeiro lugar.» (5)

Estas palavras surgem, em jeito de desabafo pessoal, no termo de um longo libelo acusatório que, na *Carta a Bartolomeu de Quevedo*,

(3) Vd. André de Resende, *Carta a Bartolomeu de Quevedo*. Introdução, texto latino, versão e notas de Virgínia Soares Pereira, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1988, p. 141.

(4) Ao fazê-lo, de resto, apenas correspondia ao desejo expresso pelo próprio D. Pedro, no prólogo da obra, quando diz: «E rrogo aaquelles que depos mym veerem e vontade ouverem de saber os linhageens que acrecentem en estes titollos d'este livro aquelles que adiante deçenderem dos nobres fidallgos de Espanha, e os ponham e esprevam nos logares hu convem» (*Livro das Linhagens do conde D. Pedro*, edição dos *Portugaliae Monumenta Historica, Script.*, I, pp. 230-231, apud Correia de Oliveira e Saavedra Machado, *Textos Portugueses Medievais*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1974, p. 476).

(5) A.R., *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, op. cit., p. 131. Acrescente-se que também na citada carta a Ambrósio de Morales (in *Hisp. Illustr.*, II, p. 1024) Resende reincide na nota, acusando Covarrubias de utilizar informações suas sem o declarar (assim teria acontecido a propósito das tribos romanas, assunto que Resende partilhara com Vaseu; vd. n. 8).

Resende dirige contra os Castelhanos, hábeis em sonegar a Portugal, e aos Portugueses, o nome e o lugar a que têm direito, na história e na cultura. O caso de Covarrubias era apenas um dos muitos sinais da tradicional e visceral megalomania castelhana. Resende, reclamando por si, reclamava pelos Portugueses.

Os ataques a Gaspar Barreiros e a Covarrubias compreendem-se melhor se se souber que Resende não tinha, de facto, o hábito de esconder, de quem quer que fosse, o resultado das suas investigações. A este título, é sintomático o que ele conta na já citada carta a Ambrósio de Morales. Morales queixara-se de uma inscrição, pouco clara, que um hóspede de Resende lhe dera a conhecer. Este homem, Alphonsus Chiaconius, estivera, de facto, dois dias em casa de Resende, e aproveitara para consultar e tomar notas de muito do que o humanista tinha escrito. Mas fê-lo com tanta pressa e avidez que deturpou algumas coisas. E Resende comenta: no entanto, não o pressionei, nem lhe limitei o tempo de consulta... (6)

Apesar desta disponibilidade, Resende não estava disposto a abdicar do que legitimamente lhe pertencia, fosse um achado arqueológico, fosse a invenção de um nome. Por isso reivindicou para si a paternidade da palavra *Lusiadae*, num passo famoso (nota 48 ao Livro II do seu *Vincentius*) em que, de forma veladamente irónica, alvejou Jorge Coelho nestes termos: «E a palavra [Lusíadas] não teve pequeno êxito. Vejo, na verdade, que agradou a muitos, principalmente a Jorge Coelho, ornamento da nossa Lusitânia, quer se encarem os seus dotes poéticos, quer a sua feliz imitação da oratória cicero-niana.» (7)

Mas se, por razões mais ou menos perceptíveis, Resende se incompatibilizou com Gaspar Barreiros e Jorge Coelho e, por isso, lhes lança algumas farpas, já se não compreende facilmente que tenha feito o mesmo ao seu amigo João Vaseu, em termos menos duros, é certo, mas ainda assim injustos.

(6) In *Hisp. Illustr.*, II, p. 1030: *Quae de inscriptione templi eorum martyrum ab Alphonso Chiaconio ex me mutuata dicis, nihil miri est parum te explicite accepisse. Nam ille, ut est earum rerum audius, biduo quod apud me fuit, dum schediazein festinat, me neque urgente, neque ad sumendum quae vellet horas praescribente, multa arbitrio suo confersit, congestitque potius, quam digessit.*

(7) Tradução de A. Costa Ramalho, que para este facto chamou a atenção no seu artigo «A palavra *Lusiadas*», in *Estudos sobre o século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1980, p. 224.

Diz Resende no início da referida *Carta a Morales*, logo depois de se ter lamentado da «pilhagem» de que foi vítima por parte de Gaspar Barreiros:

«Vaseu foi mais honesto, embora o não tenha feito sistematicamente de forma explícita, nem sempre que o teor da matéria tratada o exigia. A verdade é que lhe enviei tudo o que consegui reunir acerca das tribos romanas, extraíndo-o de livros e de monumentos com inscrições antigas, e acrescentando ainda os testemunhos de escritores antigos.» (8)

Resende informa também que, dado ter ainda muitas dúvidas, decidiu não publicar o resultado das suas investigações. Acontece que, através de Vaseu, este resultado foi parar às mãos do supra referido Covarrubias, que o reproduziu na sua obra, embora com inexactidões. Além disso, queixa-se Resende, Vaseu não o cita a propósito desta matéria. Mas:

«De bom grado perdoamos a Vaseu, um homem de bem durante toda a sua vida, esta pequena omissão da sua natural delicadeza.» (9)

Resende estava, sem dúvida, quando escreveu a Ambrósio de Morales, num período de manifesta mania da perseguição. De outro modo, não se compreende que assim tenha falado de João Vaseu, um homem com quem conviveu durante anos, a quem ajudou, como confessa, muitas vezes, e que, na obra que publicou em 1552, o *Chronicon Hispaniae*, regista muito frequentemente e, nalguns casos, de forma muito elogiosa, as informações que colheu em Resende. Além do mais, este humanista flamengo nunca regateava elogios a quem os merecia, e orgulhava-se de o fazer. Sinal evidente desta sua atitude têmo-lo, por exemplo, quando publica o *Index rerum et uerborum* dos *Adagia* de Erasmo; aí tem o cuidado de confessar, na carta dedicatória a Azpilcueta Navarro, que, tendo entretanto vindo a lume uma nova edição dos *Adagia* com um índice, ele a consultou e aproveitou

(8) In *Hisp. Illustr.*, II, p. 1023: *Ingenue magis Vasaeus, tametsi neque semper, neque alicubi, maxime exposcente loco, non dissimulanter. Ei certe quae de Romanis tribubus, siue legendis libris, siue inscriptionum ueterum monumentis, compereram, additis auctorum priscorum testimoniis, communicauit.*

(9) *Ibid.*, p. 1024: *Vasaeo homini quoad uixit beneuolenti, leuem hanc pleni officii praetermissionem libenter condonamus.*

alguns dados que lhe tinham escapado; e acrescenta, em jeito de parêntese: *neque tam Suffenus sum, ut alienam industriam mihi uendicare uelim*, isto é, «de resto, não sou propriamente um Sufeno que queira reivindicar para mim o trabalho alheio» (10).

Esta preocupação de seriedade na investigação, de dar o seu a seu dono, levou mesmo João Vaseu a transcrever, no seu *Chronicon Hispaniae*, dois extractos de uma carta de Resende. Ora é em resultado desta sua atitude que temos hoje possibilidade de conhecer na íntegra essa carta de Resende, até hoje apenas parcialmente conhecida.

2. JOÃO VASEU E ANDRÉ DE RESENDE

Como é geralmente conhecido, foi durante a sua estada em Lovaina que Resende conheceu, entre outros vultos de renome, Clenardo e Vaseu, humanistas flamengos com quem travou intensa amizade. Sabe-se que nessa altura Resende tentou convencê-los a vir para Portugal e que, por não ter conseguido demovê-los, os entusiasmou a vir para Salamanca, acreditando que, uma vez aí, mais fácil lhe seria depois trazê-los para Portugal. E assim veio a acontecer. Com efeito, pouco depois de regressar a Portugal, em 1533, Resende parte de novo para Salamanca, a pedido de D. João III, com a missão de trazer Clenardo como mestre do infante D. Henrique, irmão do rei. Clenardo aceitou e, acompanhando o infante, de Évora, onde esteve os primeiros anos, dirige-se a Braga, para aí lançar os alicerces de uma escola de latim, trabalho que depois Vaseu continuará. Entretanto, Vaseu deixara Salamanca e acompanhara Fernando Colombo (filho do famoso Cristóvão Colombo), que em Sevilha procurava organizar a sua biblioteca, a depois célebre Biblioteca Colombina; mas, terminados os três anos aprazados em contrato, e porque o clima lhe não era propício, Vaseu regressa à cidade do Tormes, dedicando-se ao ensino brilhante do latim e do grego. Na sequência desta sua actividade docente, escreve a *Collectanea Rhetorices*, que em 1538 dedica ao infante D. Henrique, em homenagem à cordialidade do infante, então arce-

(10) A carta nuncupatória a que nos referimos foi publicada, em reprodução facsimilar, por J. V. de Pina Martins na sua obra *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI (Estudos e Textos)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1973, pp. 229-304. O passo extractado figura na p. 301.

bispo de Braga, e por considerar o livro útil à juventude bracarense, que Vaseu ia em breve ensinar. De facto, nesse mesmo ano Clenardo fora a Salamanca buscar Vaseu com esse objectivo. Dois anos mais tarde, acompanhando o infante e arcebispo D. Henrique, Vaseu transfere-se para Évora. Esteve ao todo doze anos em Portugal, a maior parte do tempo (cerca de nove anos) em Évora, cidade que ao tempo fazia figura de capital (portuguesa) do Humanismo, pois acolhia no seu seio uma plêiade de humanistas da mais alta craveira, fossem médicos, teólogos ou homens de letras, irmanados no mesmo espírito de curiosidade e investigação (11).

Neste entretempo, e neste ambiente, Vaseu edita, em 1546, as *Institutiones Grammaticae Latinae* de Clenardo, um manual prático do ensino do latim, e prepara e publica o seu *Index Rerum et Verborum* aos *Adagia* de Erasmo. Mas a sua obra principal, aquela que mais contribuiu para projectar o seu nome além fronteiras, foi o *Chronicon rerum memorabilium Hispaniae* (12). Esta obra, revista ainda em Portugal e já com licença portuguesa de publicação, acabaria no entanto por ser revista de novo em Espanha e publicada finalmente em Salamanca, no ano de 1552.

Humanista que era, e consciente de que, por falta de textos recentes redigidos em latim, a história da Hispânia era pouco conhecida no resto da Europa, foi por amor à sua pátria adoptiva que Vaseu compôs o citado *Chronicon*, uma obra com fins manifestamente divulgadores, como notou Juan Luís Alborg, mas na qual utilizou, com grande rigor,

(11) Sobre os contactos entre Resende, Clenardo e Vaseu, vd. F. Leitão Ferreira, *Notícias da vida de André de Resende*, in *Arquivo Histórico Português*, 8, pp. 338-343 (e respectivas notas de Braancamp Freire), M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal, I*, Coimbra, 1975, pp. 52-67, 131-137 e 243, n. 1, e o artigo de Suzanne Cornil, «Humanistes belges au Portugal: Clenard et Vasaëus», in *L'Humanisme portugais et l'Europe* (Actes du XXI Colloque International d'Études Humanistes, Tours, 3-13 juillet 1978), Paris, Fondation Calouste Gulbekian, 1984, pp. 335-344.

(12) Esta obra de J. Vaseu, vulgarmente designada de *Chronicon*, foi pela primeira vez publicada em Salamanca, no ano de 1552. Saiu então com o seguinte título: *Chronici rerum memorabilium Hispaniae tomus prior. Auctore Ioanne Vasaëo Burgensi humaniorum literarum in Salmanticensi Academia professore. Salmanticae, excudebat Ioannes Iunta. Anno Domini M. D. LII*. Está também publicada no tomo I da *Hispania Illustrata*, pp. 572-726.

As citações serão feitas a partir da edição de Salamanca, 1552.

um elevado número de fontes, tendo o cuidado de especificar, em cada momento, aquela que serve de base ao seu texto (13).

Para a realização desta obra muito contribuiu, como veremos, o seu contacto assíduo com André de Resende, a quem, como diz no cap. VI dos *Prolegomena* ao *Chronicon*, devia muito do que tinha escrito, e a quem recorria *tamquam asyllum*. O *Chronicon* é disso o mais eloquente sinal. De facto, são inúmeras as referências a Resende ao longo da obra, isto é, elas surgem sempre (ou quase sempre) que a matéria tratada assim o exige. No entanto, receando talvez que tais referências, esparsas, não tivessem o impacto que desejava dar ao importante papel desempenhado pelo humanista português na composição da obra, João Vaseu decide, no capítulo consagrado àqueles que mais o ajudaram com as suas ideias e com o empréstimo de livros, chamar particularmente a atenção para André de Resende. Diga-se, com mais rigor, que são duas as figuras que Vaseu recorda com particular empenho: o nosso Resende e um seu compatriota, Diogo Halense (com quem convivera em Salamanca). Aceitando sem reservas que estes homens bem poderiam reivindicar para si parte do livro, Vaseu diz o seguinte do nosso humanista:

«O primeiro é o português L. André de Resende, teólogo, orador e poeta insigne, bem como pregador do Reverendíssimo e Sereníssimo Cardeal e Príncipe D. Henrique; um homem que eu prezo desde longa data, com quem travei amizade em Lovaina e que, a bem dizer, foi o autor da minha vinda para a Hispânia; instigador foi de certeza. Nesta obra ele ajudou-me largamente, com livros antigos manuscritos, com os seus apontamentos, com o seu parecer; não houve nada relativo à antiguidade — domínio que atrai extraordinariamente a sua curiosidade, e do qual é um profundo conhecedor — que ele, com toda a simplicidade e boa vontade, me não tenha comunicado. De resto, sempre que me surgia qualquer dúvida, era a ele que eu recorria sempre, como quem se recolhe à protecção de um templo, [...]» (14).

(13) J. L. Alborg, *Historia de la literatura española*, Madrid, Editorial Gredos, 1979, vol. I, pp. 1001-1002.

(14) Extraído do capítulo VI dos *Prolegomena*, dedicado àqueles *Quorum in his Chronicis opera sum adiutus, quique mihi libros suppeditarunt* (é este o título do capítulo), fol. 11v do *Chronicon*:

Prior est L. Andreas Resendius Lusitanus, Theologus, Orator, et Poeta insignis, et Reuerendissimi ac Serenissimi Cardinalis et Principis domini Henrici a contionibus, uir antiqua mihi beneuolentia, eaque olim Louanii incepta coniunctus, et mei in Hispaniam aduentus quodam modo auctor, certe incitator. Is me in hoc opere libris antiquis manuscriptis, schedis suis, iudicio copiose iuuuit, neque quidquam habuit antiquitatis,

Em corroboração do que disse, Vaseu cita ainda as palavras encomiásticas de Clenardo a respeito da elevada capacidade poética de Resende, que, se tivesse querido, poderia ter sido um outro Lucano...

Recordado deste largo encómio e das muitas referências a Resende, quase sempre laudatórias, ao longo de *Chronicon* de Vaseu, o já referido espanhol Bartolomeu de Quevedo, em carta a André de Resende, datada de 1566, manifestou curiosidade em saber qual a parte que realmente cabia a Resende na elaboração do dito *Chronicon*. Na *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, de 1567, Resende satisfaz assim a curiosidade do amigo:

«Quanto às tuas palavras sobre Vaseu: confesso que o ajudei por várias vezes, como era de justiça em relação a um homem dedicado que na Gália Belga associei, como companheiro de viagem, a Nicolau Clenardo [...]. Por isso não foram poucas, e quase todas respeitantes à antiguidade, as sugestões que lhe forneci ou que, pelo menos, foram discutidas comigo. Tudo o mais foi ele que o compilou, e, em última análise, é ele o autor das suas *Crónicas*.» (15)

Propositadamente ou não, a resposta de Resende não é explícita quanto às matérias sobre as quais reflectiu juntamente com Vaseu (de resto, muitas vezes em simples conversa). Por isso, só uma leitura atenta do *Chronicon* de Vaseu, de par com as referências esparsas em vários passos da obra de Resende, nomeadamente a sua correspondência com o humanista flamengo, poderão lançar luz sobre o assunto.

Numa primeira análise destes testemunhos, pode dizer-se que Resende informou Vaseu sobre questões tão diversas (e tão antigas) como: estabelecimento de um passo corrupto de S. Prudêncio (16), uma inscrição que atesta a presença de Sertório em Évora (17), a sua

cuius ipse non solum est curiosissimus, sed etiam scientissimus, quod mihi pro candore suo non benignissime communicavit. Praeterea si quid mihi suboriretur scrupuli, ad illum tamquam asylum quoddam semper confugi, [...].

(15) Vd. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, op. cit., p. 141.

(16) Relativamente ao ano 351 d.C., Vaseu fala do nascimento de Aurelius Prudentius Clemens, emenda um passo do prefácio de *Cathemerinon* e acrescenta: *Atque hanc huius loci restitutionem non mihi debes candide lector, sed L. Andreae Resendio, qui mihi locum hunc atque alios nonnullos, qua est humanitate, communicavit, cuius ego in his rebus limatissimo iudicio non immerito plurimum tribuo.* (*Chronicon*, f. 73 r).

(17) Id., *ibid.*, f. 34v.

opinião sobre o etnónimo *Vascetani* que ocorre em Tito Lívio (18), o monte Hermínio (19), as tribos romanas (20), a era de Espanha (21), o cognome da cidade de León (22). Parece pouco, mas convém não esquecer que Vaseu se socorreu também — e largamente — de obras já editadas por Resende, como o *Breuiarium Eborense*, de 1548, e o *Vincentius* e respectivos *Scholia*, de 1545.

3. RECONSTITUIÇÃO DE UMA CARTA DE ANDRÉ DE RESENDE

Da correspondência trocada entre André de Resende e João Vaseu chegaram até nós duas cartas: a *De aera Hispanorum* e a *Pro Colonia Pacensi*.

Esta última (23), data de 1553, foi pela primeira vez publicada em Lisboa em 1561, e nela Resende defende, com ampla e variada argumentação, que *Pax Iulia* ou *Pax Augusta* são os nomes antigos de uma mesma cidade: Beja. Resende respondia assim às pretensões dos Espanhóis, nomeadamente de João Ginésio Sepúlveda, para quem *Pax Augusta* (que distingue de *Pax Iulia*) corresponde a Badajoz. Como se vê, já nesta carta Resende se preocupava em preservar o património português, defendendo-o (e não é por acaso que o título da carta é *Pro colonia Pacensi*) da tradicional tendência espanhola para se apropriar do passado de Portugal. Esta preocupação será retomada com muito mais ênfase e espírito aguerrido na carta a Quevedo, como já foi dito.

Não é este no entanto, e de momento, o aspecto que mais importa acentuar na *Pro Colonia Pacensi*. Pelo facto de datar de 1553, isto é, de ser apenas um ano posterior à publicação do *Chronicon* de Vaseu,

(18) Informação dada pelo próprio A. R. no livro III do *De antiquitatibus Lusitaniae*, Coimbra, 1790, pp. 144-145.

(19) Informação de Resende, *De antiquit. Lusit.*, livro I, p. 68.

(20) Vd. n. 8.

(21) Assunto a que dedicou a (primeira parte da) carta *De aera Hispanorum*, dirigida a Vaseu e por este publicada no seu *Chronicon*, ff. 55v-56v. Esta carta figura também no tomo I da *Hispania Illustrata*, pp. 632-634, integrada no *Chronicon*, e novamente no tomo II da referida *Hispania Illustrata*, pp. 828-829, desta vez isolada.

(22) Informação de Resende na *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, *op. cit.*, p. 143.

(23) Vd. o seu texto no vol. II da *Hispania Illustrata*, pp. 997-1002.

ela interessa sobretudo porque nos dá em primeira mão a reacção de Resende ao citado *Chronicon*. Sobre os motivos que o levaram a escrevê-la falaremos daqui a pouco. Por ora, baste salientar que Resende não ficou insensível ao (e são palavras suas) «lugar e número de vezes que aí sou referido, as inúmeras vezes que com tanta honra sou nomeado — quer isso se deva ao teu sentimento de gratidão e benevolência para comigo, quer à tua franqueza natural (pois considero manifestação de orgulho atribuí-lo ao teu juízo clarividente ou ao meu mérito) — /.../». Note-se ainda que, com este ping-pong de salamaleques, quais reflexos cruzados de espelhos, Resende procurava acima de tudo justificar o atraso com que decidiu apresentar felicitações ao amigo: em face de tantos elogios — rematava Resende — era compreensível que se não tivesse apressado a fazê-lo, não fosse parecer que duas atitudes independentes (os elogios de um e as felicitações de outro) tinham afinal uma relação de causa e efeito...

Deixemos, por agora, a *Pro Colonia Pacensi* e passemos à outra carta de Resende a Vaseu, a *De aera Hispanorum*.

Ela foi pela primeira vez publicada por Vaseu, que a inseriu — sem Resende o saber — no seu *Chronicon* (25). Publicada «sem data algũa», acrescenta o patriarca dos estudos resendianos, Francisco Leitão Ferreira (26), sem se dar conta de que a carta não fora publicada na íntegra. Como veremos, uma análise circunstanciada do texto de Resende, por um lado, e das palavras introdutórias e terminais de Vaseu, por outro, permitirão solucionar o enigma da falta de datação e, o que é mais importante, unir duas metades desgarradas de uma mesma carta.

Vaseu dedicou o cap. XXII (*De aera, et quantum differat ab anno natiuitatis Christi*) do seu *Chronicon* ao tratamento da origem e significado da expressão *aera Hispanorum*. Aí, depois de apresentar o

(24) A. R., *Pro colonia Pacensi*, in *Hisp. Ill.* II, p. 997: [...] *quem locum, quem numerum in iis libris ego obtineam, quam saepe honorificentissime appeller, siue id grato et beneuolenti erga me feceris animo, seu candore tibi ab natura insito, nam exacto iudicio tuo, aut merito meo, dicere, superbum existimo, [...]*.

(25) Vd. n. 21.

(26) F. Leitão Ferreira, *Noticias da vida de André de Resende*, in *Arquivo Histórico Português*, 8, p. 339.

resultado das suas próprias pesquisas, e de transcrever a opinião, diferente, de Ginésio Sepúlveda, Vaseu acrescenta:

«Tratei imediatamente de consultar Resende, para que não ficasse nada por explorar. Ele respondeu-me deste modo:

L. André de Resende saúda João Vaseu, varão de eminente cultura.

A tua carta, escrita em Salamanca a 5 de Fevereiro, recebi-a por alturas do primeiro de Maio. Recebi-a, contudo, em Coimbra, para onde me mudei em resultado da autoridade régia (prefiro suavizar assim a situação, a chamar-lhe ordem), isto é, passei do meu honesto e sereno ócio para uma actividade cheia de agitação, passei do recanto das musas ao trabalho no moinho, onde se é forçado a laborar sem descanso, até à exaustão. De resto, nem sei bem de que me queixe, ou de que me não queixe; apenas sei, isso sei, que tive de o fazer bem contra vontade. Por isso não tive tempo, nem agora o tenho, de responder à tua solicitação com o cuidado necessário, como seria justo da parte de um amigo quando responde a um amigo. [...]» (27).

Todavia, acrescenta Resende a concluir este exórdio, alguma coisa responderá, para não defraudar as esperanças do amigo. E passa a tratar da questão (a «era de Espanha»), ocupando nisso cerca de três páginas na edição de 1552 do *Chronicon*. Antes de terminar, Resende ainda cita Horácio, a propósito das palavras que (re)nascem ou desaparecem conforme o uso que delas se faz, e acrescenta:

«É esta a opinião para que me inclino. Se a algum outro lhe agradar outra opinião, que o seu parecer lhe faça bom proveito.»

Logo a seguir, Vaseu escreve: *Haec ille* («foi isto o que ele escreveu»), rematando assim a transcrição da carta de Resende.

Ora não deixa de causar estranheza que Vaseu, ao reproduzir a carta, tenha mantido o cabeçalho habitual (André de Resende saúda Vaseu) e não tenha registado o final, com as suas tradicionais fórmulas de despedida, incluída a datação. A verdade é que não o fez porque, apesar de o não declarar, não transcreveu a carta na íntegra; transcreveu apenas a parte que por ora lhe interessava, a que tratava da questão do termo *aera*.

Leitão Ferreira, na sua preocupação de datar toda a obra de Resende, dedica cerca de quatro páginas a conjecturar quando teria

(27) Vaseu, *Chronicon*, f. 55v. Vd. texto no início da carta publicada no final deste artigo.

sido esta carta escrita, e a sua argumentação é subtil e convincente. Segundo ele, a carta foi escrita em 1551, já que:

1. em 1550, depois de doze anos passados em Portugal, Vaseu regressa a Salamanca;
2. daqui, em 5 de Fevereiro de 1551, escreve a Resende, consultando-o sobre a «era de Espanha», e «no mesmo anno Resende lhe deu reposta a duvida, ou fosse no mes de Mayo ou depois em outro» (in *A.H.P.*, 8, p. 340);
3. logo que chegou a Salamanca, Vaseu tratou de imprimir a sua obra, para o que teve privilégio de Castela, em 15 de Maio de 1550, tendo-a revisto e aprovado João Ginésio Sepúlveda, cronista de Carlos V;
4. em 1551, Resende estava efectivamente em Coimbra: atesta-o a oração que proferiu no Colégio das Artes, em 28 de Junho, em louvor de D. João III;
5. Vaseu inclui a resposta de Resende no *Chronicon* e dedica-o a 21 de Dezembro de 1551 ao Cardeal Infante D. Henrique;
6. o *Chronicon* saiu no ano seguinte.

Estes os argumentos de Leitão Ferreira. Em tudo argutos e convincentes, como disse. Apenas ficava por explicar a ausência do sinal de fechamento da carta. Mero capricho de Vaseu? Ou haveria outra razão?

Ao proceder, em tempos, ao estudo da *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, verifiquei que Resende se referia, a dado passo (28), ao facto de ter abordado com Vaseu a questão do cognome da cidade de León. Atendendo a que, como vimos, Vaseu tinha o hábito de citar Resende sempre que com ele trocara impressões sobre determinada matéria, procurei no *Chronicon* alguma referência nesse sentido. Verifiquei então que Vaseu citava, em extracto, parte de uma carta que Resende lhe escrevera sobre o assunto, carta essa datada de 4 de Julho de 1551.

Nesta carta tratava Resende do cognome da cidade de León (ff. 64v-65r), seguindo-se-lhe uma espécie de apêndice, do mesmo Resende, com uma lista de nomes de legiões (ff. 65r-65v).

Que se trata de um extracto, não restam dúvidas, pois Vaseu é muito explícito. Depois de referir a sua opinião, e a de outros, sobre o cognome da cidade de León (o nome viria de *Legio VII Gemina*,

(28) Vd. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, op. cit., p. 143.

e não de *Legio VII Germanica*, como tem erradamente o códice de Ptolemeu), Vaseu acrescenta:

«Também sobre este assunto decidi consultar Resende, um homem profundamente conhecedor de toda a antiguidade; embora ele não ouse afirmar com ligeireza que o passo de Ptolemeu está corrupto, tanto mais que o códice grego vem em seu auxílio, a sua opinião inclina-se, em meu entender, no mesmo sentido, como se conclui de uma carta que me escreveu, carta essa que decidi transcrever aqui, *textualmente mas só em parte*, juntamente com os nomes das legiões que ele mesmo me enviou. Estou convencido de que esta transcrição não só será grata como útil aos estudiosos.» (*sublinhado meu*). (29)

A transcrição do texto de Resende vem logo a seguir, e começa com as seguintes palavras:

«Passarei agora a tratar da outra questão da tua carta» (*De altero epistulae tuae capite nunc agam.*)

É importante atentar desde já na expressão *de altero ... capite*: ela é sinal evidente de que este extracto constitui a segunda parte de uma carta que começara por versar um outro assunto. O que explica também que a carta reproduzida não apresente as habituais fórmulas de saudação.

Vejamos agora como termina a transcrição da carta de que temos vindo a falar:

«Quanto aos nomes de legiões que me enviaste, conheço-os, realmente, mas não conheço só esses. De facto, há muitos mais. Envio-te aqueles que recentemente pude coligir numa leitura apressada (*tumultuaria lectione*) dos autores; envio-te também o discurso que recentemente proferi em elogio do nosso rei. Não tenho mais nada para te dizer, excepto que, mais do que nenhum outro, e mais do que nunca, te sou muito dedicado. Adeus. Coimbra, 4 de Julho de 1551.» (30)

(29) *Chronicon*, f. 64v; *De hac quoque re consulendum Resendium duxi, uirum omnis antiquitatis scientissimum, cuius mihi sententia, quamvis Ptolemaei locus quem facile deprauatum affirmare non audet, praesertim suffragante codice Graeco, scrupulum faciat, eodem inclinare uidetur, ut eius ad me patet epistula, cuius partem transcribere hic ad uerbum operae pretium duxi, cum ipsis legionum nominibus, quae ipse ad me misit. Arbitror enim hoc studiosis non minus gratum quam utile futurum.*

(30) Vaseu, *Chronicon*, f. 64v. Vd. final da carta, adiante reproduzida

Seguem-se as *Legionum appellationes*, uma lista razoavelmente extensa de nomes de legiões (cerca de 83), no termo das quais Vaseu acrescenta: *Hactenus Resendius* («aqui termina o texto de Resende»). Este *hactenus Resendius* que agora surge, no termo real da carta, note-se, contrasta significativamente com o *Haec ille* («este o texto de Resende») que Vaseu usara no final da reprodução da primeira parte da carta (a que tratava, recorde-se, da «era de Espanha»).

Do que até agora foi dito conclui-se, forçosamente, que estamos na presença de dois extractos (duas metades) de carta. Resta agora provar que os dois extractos fazem parte de um *unicum* inicial.

Um primeiro argumento, apesar de tudo não conclusivo, já foi avançado: um extracto tem a saudação inicial mas não apresenta qualquer sinal de fechamento; o segundo, em contrapartida, tem a saudação e datação finais mas falta-lhe o cabeçalho introdutório.

Um segundo argumento, de peso ainda relativo: a diferença semântica entre as expressões que Vaseu usa para «fechar» o texto de Resende (na primeira parte, *haec ille*; na segunda, *hactenus Resendius*).

Um terceiro argumento: numa das partes, Resende queixa-se de falta de tempo para responder convenientemente ao amigo; na outra, diz que a leitura dos autores em busca de nomes de legiões foi apressada (*tumultuaria lectione*). Por outro lado, a referência ao discurso que proferiu em louvor do rei, bem como o lamento por ter deixado o descanso da sua terra para, em Coimbra, trabalhar até à exaustão, levam-nos a compreender que Resende se queixe de falta de tempo, quer numa quer noutra das partes da carta.

Como prova final desta operação de «encaixe» de duas metades de uma mesma carta, acrescente-se que não deixa de ser significativo o facto de Resende, ao ver que Vaseu tinha publicado a sua carta no *Chronicon*, lhe manifestar o seu desagrado, pois escrever para publicação exigia redobrada atenção. Este descontentamento ficou expresso na já referida *Pro colonia Pacensi*, de 1553, entre outros motivos que levaram Resende a escrevê-la. Foram eles: primeiro, dar-lhe os parabéns, ainda que tardios, pela publicação da obra; segundo, reclamar pelo facto de Vaseu ter publicado a sua carta sem autorização prévia; o terceiro motivo surgiu da própria leitura do *Chronicon*, por Resende não concordar com o que Vaseu, apoiando-se em João Ginésio Sepúlveda, escreveu sobre *Pax Iulia*.

Voltemos ao segundo motivo, o que mais interessa de momento.

Diz Rezende:

Alterum est de epistula tumultuaria opera ad te scripta, quam tu me neque consulto neque probante, inter tua edenda curasti (31), isto é:

«O outro motivo tem que ver com a carta que te escrevi, um trabalho feito apressadamente, e que tu, sem me consultares e sem o meu consentimento, decidiste publicar na tua obra.»

A coincidência de *tumultuaria opera* com a expressão *tumultuaria lectione*, usada no final do extracto sobre León e os nomes das legiões, é bastante significativa.

E é curioso observar que, voltando a reflectir mais demoradamente nas questões então *tumultuarie* abordadas, Resende chegou a mudar ou a corrigir o parecer então emitido. Assim, a respeito do termo «aera», nome e origem, confessa, na *Pro colonia Pacensi*, que, depois de rever o assunto e de o mostrar a Azpilcueta Navarro, este «príncipe dos doutores da Academia de Coimbra» o aconselhou a publicar o fruto das suas reflexões; e Resende acrescenta que se arrepende de o não ter feito, sobretudo agora que viu publicado o texto enviado a Vaseu (32).

Também a respeito do cognome da cidade de León — a segunda parte, como vimos, da mesma *tumultuaria opera* —, verificamos que Resende se decidiu, mais tarde, a alterar a sua anterior e persistente opinião, ao aceitar que, por vezes, é necessário suspeitar do texto de um autor antigo, mesmo quando consagrado. Era o caso de Ptolemeu, que escrevera *Legio VII Germanica* quando devia ter escrito *Legio Septima Gemina*. Como diz o humanista, na *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, escrita dezasseis anos depois:

«Sobre o epíteto da cidade de León, [...], responderei de forma ainda mais reservada. É que não tenho por hábito alterar levianamente o texto de autores muito antigos, a não ser que a própria razão me convença da corrupção do passo. [...] Em todo o caso, [...] ousarei talvez tocar em Ptolemeu e emendar *Λεγίων ζ Γερμανική* para *Λεγίων ζ Γεμνιακή*» (33).

Verifica-se assim uma certa evolução de pensamento, embora cautelosa: a princípio mantinha a sua confiança, inabalável, no texto

(31) In *Hisp. Ill.*, II, p. 997.

(32) Id., *ibidem*.

(33) Vd. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, op. cit., p. 145.

de Ptolemeu; anos mais tarde, já encara a hipótese, mas ainda sob reserva, de alterar o texto de Ptolemeu.

Em suma: as duas opiniões expendidas numa mesma *tumultuaria opera* foram, mais tarde, repensadas e mesmo corrigidas.

4. CONCLUSÃO

Como vimos no início deste artigo, Resende queixara-se, ainda que moderadamente, do facto de Vaseu nem sempre ter assinalado a proveniência resendiana das suas afirmações.

Pode ser que isso tenha acontecido uma que outra vez, mas, no geral, vimo-lo também, Vaseu revelou um grande cuidado em declarar a paternidade das opiniões e conclusões que, a respeito dos mais diversos assuntos, apresentava no *Chronicon*, fossem elas de Resende ou de outros. E, movido por esse escrúpulo, foi ao ponto de introduzir, na sua obra, dois extractos de uma carta que Resende lhe escrevera em 4 de Julho de 1551. Ora o *Chronicon Hispaniae* estava para publicação no decurso de 1551; é pois provável que Vaseu apenas tenha tido tempo de nele inserir o texto de Resende, sem lhe tecer comentários de monta. Além disso, a argumentação do humanista de Évora era, como sempre, bastante cerrada, e Vaseu não terá querido atraiçoar-lhe o pensamento.

A respeito deste texto, dizia Vaseu estar convencido de que, ao publicá-lo, prestava um grande serviço aos estudiosos, dada a qualidade do material apresentado. Resende não lhe agradeceu a ideia, pelo contrário, lamentou o sucedido, já que os temas nele abordados mereciam um olhar mais atento, e o texto fora redigido *tumultuarie*, 'apressadamente'.

Vaseu não consultou a vontade do amigo, provavelmente nem teve tempo de o fazer, ou sequer de pensar nisso. Seja como for, a sua honestidade e escrúpulo na exposição da matéria histórica permitiram que ficasse registada para a posteridade uma carta de Resende que de outro modo se teria perdido.

As cartas, como os livros, têm o seu destino (por sinal bastante mais efêmero). Acresce que, neste caso de uma carta desmembrada, o destino das duas partes foi muito desigual: a primeira foi conhecida

e citada desde sempre como sendo a *De aera Hispanorum* (34); a segunda raramente é citada, apesar de ter sido referida pelo Padre Manuel Risco, no tomo XXXIV da *España Sagrada* (35) (mas ninguém, salvo erro, prestou atenção a este dado).

Donde se conclui que João Vaseu, com a sua atitude, prestou, como desejava, um bom serviço aos estudiosos. Por isso, também André de Resende, e ainda que a contragosto, tem de lhe estar reconhecido.

VIRGÍNIA S. PEREIRA

(34) Responsável por isto talvez tenha sido o próprio Resende, quando se referiu à carta de que temos vindo a falar como *epistula de aera Hispanorum* (vd. *Carta a Bartolomeu de Quevedo*, op. cit., p. 130). Mas, neste caso, não pretende dizer que a carta trata apenas deste assunto; o seu objectivo, de momento, é mostrar que D. Diego Covarrubias se tinha apropriado do que, sobre o tema, Resende expendera na carta a Vaseu.

(35) A referência de Manuel Risco (*España Sagrada*, tomo xxxiv, trat. 70, cap. 4, pp. 31-32) surge exactamente a propósito da origem do nome da cidade de León. Para M. R., o nome provém de *Legio septima Gemina*, embora alguns eruditos sejam de opinião (errada, a seu ver) de que provém da *Legio septima Germanica* referida nas *Tábuas* de Ptolemeu. E acrescenta: «Resende siguió este dictamen en la Carta que dirigió a Vaseo publicada por este en su Chronicon de Espana, al año 106. fol. 64.»

L. ANDR. RESENDII DE AERA HISPANORUM DEQUE LEGIONENSIS URBIS COGNOMINE
AD IOANNEM VASAEUM UIRUM DOCTISSIMUM EPISTULA ¹.

L. Andr. Resendius Ioanni Vasaeo uiro doctissimo S.

Circiter Cal. Maias Vasae litteras tuas accepi, datas nonis Februarii Salmanticae. Accepi autem Conimbricae, quo me regia auctoritas (ita enim blandiri mihi malo, quam uim appellare) transtulerat, hoc est, ab honesto et quieto otio in negotium turbulentissimum, a musaeo in pristinum, ubi sine ulla intermissione ad extremam defatigationem est molendum. Nec satis scio quid conquerar, neque quid non conquerar, nisi quod hoc, quidquid est, irato meo genio mihi contigisse certe ego scio. Non igitur uacauit, immo ne nunc quidem uacat, postulationi tuae accuratius paulo respondere, uti amico amicum par erat, tamen ne nulla ex parte satisfaciam tibi, cui equidem semper ex omni, pro tua in me beneuolentia, studui satisfacere, scito me de Aera nihilo plus cogniti, nihilo plus comperti habere nunc, quam habuerim tum, cum de ea re praesens mecum egisti. Neque ego de initio eius loquor. Nam satis manifeste apparet incepisse ex eo tempore, quo ex partitione triuuirali utraque Hesperia Octauio cessit, post annos quattuor quam est interfectus C. Caesar. Loquor autem de origine tantum uocabuli, unde uidelicet Aera nominetur, quaeue nominis eius causa fuerit. Nam quod alii ab aere dando, id est, a censu, qui Augusti indictione soluebatur, aeram nominatam arbitrantur, non admodum probo. Multo etiam minus, quod alii ab hero, id est domino, heram dici uolunt, quasi dominationem. Commentum autem Genesii Sepuluedae, quo ex compendio scriptionis A. ER. A. Caes. id est, annus erat Augusti Caesaris, fecisse imperitos Aeram Caesaris, nobis nititur persuadere, fateor, non sine admiratione, propter hominis eruditionem, legi. Libenter enim ab illo quaererem num litterarum illarum compendium existimet scribis tantum fuisse cognitum, quasi esset simile illi Hebraeorum elementorum arcano, quod apud ipsos Cabala nominatur, aut hieroglyphicis notis, quibus uetus Aegyptiorum obducta implicataque erat sapientia, quarum mysteria cum solis essent cognita sacerdotibus, a patribus accepta quasi per manus posteris proderentur, an magis compendiarum istam formulam etiam in

¹ O texto da carta de Resende aqui apresentado baseia-se no da edição do *Chronicon* de João Vaseu (Salamanca, 1552), que constitui afinal, e sem ter tido esse objectivo, a sua primeira edição. Nessa obra ocupa, como já foi dito na primeira parte deste artigo, os ff. 55v-56v (primeira parte da carta) e 64v-65v (segunda parte).

As modificações introduzidas no texto situam-se nos domínios da grafia, da pontuação e de uma que outra gralha tipográfica; por isso, e porque a grafia adoptada se pautou pelos padrões modernos da escrita latina (a título de exemplo: *littera* a substituir *litera*, *epistula* por *epistola*, *omnes* por *omneis*, etc.), consensualmente aceites, não se fará delas menção especial.

uulgius emanasse arbitretur. Huic parti si, ut doctum facere aequum est, adsentiat, respondeat, quonam tempore Hispanos autemet in tantam animi, ut ita loquor, supinitatem deuenisse, stantibusne adhuc in Hispania Romanis rebus, ac uigente imperio, an postea quam conlabi ad Gothorum irruptionem coepere? Florentibus rebus id fieri nequaquam potuit, cum Latina lingua multum non Romani modo qui in Hispania erant, sed ipsi etiam Hispani uterentur. Ad haec, cum Hispania primum in prouincias duas, hoc est citeriorem et ulteriorem, deinde in tres, Tarraconensem, Baeticam et Lusitaniam esset diuisa, tum deinceps propter magnitudinem diuisa trifariam Tarraconensi, Gallaecia facta sit quarta, Carthaginensis uero quinta, ut scribit ad Valentinianum Sextus Rufus, nec ibi finis, sed diuisa quoque Lusitania, sexta numero coeperit esse Vettonia, atque hae omnes prouinciae siue consulibus, siue procoss. siue praetoribus, siue propraetoribus, siue praesidibus, siue legatis regerentur; praeterea scribis, logistis, tabulariis, tabellionibus, hominibus uel Romanis, uel certe Romanae linguae peritis, plenae essent, etiam usque ad tempora Maiorani Caesaris, qui regnare coepit circiter annum Seruatoris nostri CCCCLXXII, consentaneum profecto non est ignorasse eos uim harum litterarum A. ER. A. Si autem postquam in Hispanias Gothi inuaserunt id accidisse dicat, rursus quaerem: subitane id, an paulatim potius? Subito ac repente extinctam fuisse notitiam illorum uerborum quibus tam frequenter in tabulis uterentur, persuaderi ego non possum, nisi me doceat Genesius lethargo fuisse tum simul correptos Hispanos omnes. Paulatim euenit, inquiet. En rursus eodem luto, in eadem haeremus salebra, ut nimis sane uideatur esse mirum, uix centum annorum interuallo, in tantum rem obsoleuisse, ut etiam ad Leandrum illum, ac adeo Isidorum, multae tum eruditionis tum diligentiae hominem, uulgatissimus quattuor illarum litterarum intellectus minime perueniret, ut consilia uetustissima, nempe Bracarense primum Aera DCX et Hispanense prius Aera DCXXVIII celebrata praetermittamus; ut praetermittamus etiam ueteres in saxis inscriptiones Aera DX et DXX et DL factas, hoc est, sub Anastasio et maiore Iustiniano. Sed quid quod sub Arcadio et Honorio circa annum nati Seruatoris CCCC integris etiamdum, aut minima ex parte accisis in Hispania rebus, Diuus Faustus Regiensis in Gallia episcopus, scriptor satis luculentus, Aerae utitur uocabulo? Cuius uerba, priore de Spiritu sancto libro, ita habent: «Sacer autem numerus diximus, quia trecenti in aera siue supputatione, signum crucis; decem et octo uero, Iesu adorandum nomen ostendunt.» Quibus ego uerbis partim, partim etiam ipsa ratione adducor, ut credam neque ab aere dando uocatam Aera, ut putauit Isidorus, neque ab hero heram, ut somniant nonnulli, sed simpliciter a nota numeri, quod Aera, sit nota uel supputatio, ut Faustus interpretatur. Ad quam rationem Alphonsus Hispaniarum rex suam temporum supputationem Aera appellauit. Si quis autem roget: satisne id Latine?, respondebo Nonii Marcelli uerbis: «Aera», inquit, «numeri nota». Lucilius libro 29: «Haec est ratio peruersa, Aera numeri subducta improbe». Igitur ab initio ratio haec numerandi tempora, ab usque Augusto coepta, Aera nominata est. Neque mouere quemquam debet eius uocabuli usum apud probatos auctores minime inueniri:

“Multa renascentur, quae iam cecidere, cadentque
quae nunc sunt in honore uocabula, si uolet usus,
quem penes arbitrium est et uis et norma loquendi,”

ait Horatius. Meus, Vasaee, huc inclinat animus. Sicui aliud placuerit, suo fruatur iudicio ¹.

De altero epistolae tuae capite nunc agam. Ais te a uiro doctissimo Salman-ticensi Canonico admonitum candide, quasi non recte Legionem urbem Legionem Germanicam appellaris, cum potius Legionem Geminam debuisses, idque esse ita uideri, cum ex Legionum nominibus quae Romae in columna uia Appia adhuc exstant, quaeque benigne tibi a uiro illo doctissimo scribis communicata, tum uero ex inscriptione quae a latere coctili inuenta sit in eadem urbe, quae esset ad hunc modum: L E G. V I I. G E M. P. F., id est ut ego interpretor: Legio septima Gemina, pia, fidelis. De ista inscriptione coctili tunc iudicabo, cum oculis uidero. Neque enim ego temere soleo hisce rebus fidem adiungere, cum praesertim inscriptionis ipsius truncatae illa tantum uerba miseris. Sed donemus ibi esse. Etiamne ex ea patet ab Legione septima Gemina urbem Legionensem esse conditam, an latericiae istae litterae alterius rei causa Legionis septimae Geminae meminerunt? Hoc prius si constat, emendandus erit Ptolemaeus, qui libro Geographiae secundo, inter Asturiae ciuitates Legionem VII Germanicam ponit, uel expendendum num eadem sit Legio VII Gemina quae Legio VII Germanica, eoque magis quod ex Antonini Itinerario, ubi describitur iter a Mediolano per Alpes Cottias usque Callaeciam, ad leugas VII Geminam, quod ego legendum puto ad Leg. VII Geminam, uidetur opinio ista confirmari. Tametsi Antoninianum hoc Itinerarium mire est deprauatum. Sin uero illud non constat, nec eadem sit Legio VII Gemina cum Germanica VII, immo etiam si una eademque sit, Ptolemaei autem codex fidei sit minus fluxae, interim licebit nobis, opinor, maximum uirum grauissimumque auctorem imitari. Nomina uero legionum quae misisti agnosco quidem, sed non sola. Longe enim plura inueniuntur. Ego quae tumultuaria lectione ex auctoribus colligere modo potui ad te mitto, simul orationem quam nuper habui de laudibus regis nostri.

Quod praeterea scribam habeo nihil, nisi me tui esse, utqui maxime et cum maxime, studiosum. Vale. Conimbricæ, IIII Nonas Iulii, M.D.LI.

Legionum appellationes

I.	Adiutrix	VIII.	Antoniniana
II.	Adiutrix	X.	Antoniniana
	Alauda	XV.	Apollinaris
V.	Alauda	II.	Augustalis.
VI.	Alauda	III.	AUG.
VII.	Alauda	VIII.	AUG.
VIII.	Alauda	IX.	Britannica
IX.	Alauda	VI.	CLAUD.
X.	Alauda	VII.	CLAUD.
	Amerina	X.	Claud.

¹ A seguir a estas palavras Vaseu escreve, em sinal de fim de citação: *Haec ille*.

XI.	Claud.	I.	Italica
	Commoda P. F. constans	II.	Italic.
III.	Cyrenaica	IV.	Macedonica
VI.	Ferratensis	V.	Maced.
XII.	Flam.	I.	Mineruia
III.	Flauiana		
IV.	FLAV.		
XVI.	FLAV.		Moesiacae legiones
X.	Fretensis		
	Fulminea, uel Fulminatrix, Ke-	I.	Moesiaca
	raynobolos	XVIII.	PRIMIC.
III.	Gallica	XXII.	PRIM.
VII.	Galbiana	XXII.	PR.
VII.	Gemella, uel		
VII.	GEM.		
VIII.	Gem.		Pannonicae legiones
X.	Gem.		
XIII.	Gem. Antoniniana	I.	Pannonic.
XIII.	Gem. imp. Neron. Tiber.	VIII.	Pannon. Iulia
XIII.	Gem. imp. CC.	I.	PARTHICA
XIII.	Gem. MV.	II.	PARTH.
XIII.	Gem. CAMIL.	III.	PARTH.
XIII.	Gem. GA.	XXI.	RAPAX
XIII.	Gem. IVN.		
XIII.	Gem. A.		Sarmaticae legiones
XIII.	Gem. VI. AC.		
XIII.	Gem. VALE.	I.	Adiutrix P. F. Seueriana
XIII.	Gem. FE.	II.	Adiutrix P. F. Seueriana
XIII.	Gem. FL.	I.	Traiana
XIII.	Gem. POET.	II.	Traiana Fortis
XIII.	Gem. OLIM.	III.	Traiana
XIV.	Gem.	VI.	Vitrix
XIX.	Gem.	XVIII.	Vitrix
VI.	Germanica	XX.	Vitrix
VII.	Germanica		
X.	Germ.		Vitellianae legiones
XIII.	Germ.		
XIV.	Germ.	XXI.	Vitelliana

Germaniae inferioris, leg. pri- XXX. Vlpia
 mani. Quintani et XV. et XVI. legiones. XXXV. VLP.¹

¹ A seguir ao nome desta legião Vaseu acrescenta, em sinal de fim de citação:
Hactenus Resendius.